

Sarney Viagem vitoriosa

14 MAR 1986

Sob o signo da frase — “A viagem que iniciamos não tem retorno e seu destino é a inflação zero” — O presidente José Sarney completa, amanhã, seu primeiro ano de Governo. A contemporaneidade afeta a imparcialidade, de certo, mas temos de procurar compreender a transformação da sociedade que se processa sobre a influência do cidadão Sarney.

E grave engano condicionar os fatos políticos à “sorte” de Sarney, apesar de ser impossível duvidar de sua predestinação. As circunstâncias em que alcançou a Presidência comprovam o seu destino e nós, nordestinos, fatalistas atávicos, reconhecemos aqueles a quem Deus escolhe. Para o bem ou para o mal.

Não é, o político, apenas um protegido da fortuna que, pela lógica, não pode ser constante. Sua carreira está repleta de acontecimentos que não teriam ocorridos se não tivesse qualidades dignas do ficcionista José Sarney, extraordinário contista, poeta discutível. Estas potencialidades, como as definiu Adler, são intensas porque encontram-se sob as vistas da Nação.

Com a edição do plano econômico, pelo qual é o responsável, o presidente Sarney ressuscitou, entre os comentaristas, episódios de sua vitoriosa trajetória pública. Lembrou-me um de seus adversários que, em 68, quando um general da reserva, com apoio de políticos que hoje o elogiam, tentou depô-lo, o então governador José Sarney teve a coragem de afirmar, na TV de São Luís: “Fui eleito pelo povo e só o povo pode me tirar do Palácio dos Leões”.

Naquela época não se submeter aos militares era um ato de ousadia, de temeridade, próximo da locutura. Enquanto outros se curvavam, foi o cavaleiro da vontade popular. Recordo-me dele momentos antes da reunião em que renunciou à direção do PDS por não aceitar o cancelamento da prévia aprovada pelo então Presidente da República. Disse-me, se não me equivoque: “Vou sair, mas vou sair atirando”.

Depois vim a saber que, contrariando hábitos, pusera um revólver na cintura e se dispusera a enfrentar os que, no PDS, pensavam resolver questões nacionais pela intimidação, entre os quais alguns que, agora, o aplaudem e o adulam. Foi, então, o estudante que chegou a ser preso nas ruas de São Luís pelas passeatas em defesa da liberdade.

O plano econômico devolveu esse José Sarney à Nação, que estava começando a temer sua hesitação. Essa dualidade comportamental angustia quantos entendem precisar o País de uma liderança que, sendo democrática, tenha firmeza. A sorte do Presidente da República, é, hoje, também a nossa e, por isto, precisamos saber se liderará sem se preocupar com pesquisas, compradas ou não, mas atento ao julgamento da História.

Como os guerreiros de Esparta, o presidente Sarney desencadeou uma guerra, uma viagem, da qual voltará com o escudo ou em cima do escudo. Permito-me lembrar, nesta hora crucial, o conselho imortal de Dumorieux: “A audácia, sempre a audácia”. Assim a França se salvou em 1792.

JOÃO EMÍLIO FALCÃO